



Sidnei Santana Pereira

Laura

Sidnei Santana Pereira

Laura

Abril de 2024

Pórtico

Mens insana in corpore sano.

Noah

Pela manhã, quando parte dos homens ainda dorme e animais nativos despertam, o vento gélido atravessa meu corpo e corta como navalha afiada. Mas eu o sinto como se o sopro de Deus me contasse segredos.

No refletido e renovado ato de fé, ele abriu o pulmão para o ar gelado da manhã. O misterioso milagre da vida mais um dia se confirmava. One more day, one less day, pensou, usando mais uma vez da ironia e de seu tosco domínio da língua inglesa, não tão confiante agora.

Observou então o claro-escuro do céu, o enigmático crepúsculo matutino. Era bem cedo ainda, como se habituara. Barulhentos papagaios voavam em revoada, em busca do provável alimento; o galo se empertigava e cantava soberano; o cão, preguiçoso, se espalhava na varanda, meio que adormecido; a mata respirava.

Era bem perfeito seu íntimo refúgio, essa sua fortaleza da solidão: seus animais, as plantações caseiras, a natureza intensa, a constante calma enfim.

Tão perfeito quanto poderia a planejada fuga do mundo e de sua realidade ser.

Noah sonhara intimamente com a vida de ermitão, em que pudesse cultivar seus pensamentos, compreender a enigmática roda da vida, alcançar algum estágio superior da inteligência, atingir a divina visão, enfim.

Mas essa paz aparentemente impenetrável, paraíso redivivo, estava quase que de modo singular por sofrer uma perturbação que o deixaria talvez fatalmente fragmentado; pois que a solidão de um homem é protegida ilha onde ruidosos visitantes nem sempre são bem-vindos.

Trabalhando na pequena lavoura, Noah em raros momentos saía da chácara onde morava, afastada ao máximo que lhe fora possível de toda presença e atividade humana.

Era o perfeito ermitão, o solitário feliz, que se julgava feliz, desde que se afastara da média empresa, em meio ao rush, ao barulho e agito da cidade, e decidira viver isolado do mundo.

E tudo sempre lhe parecera muito bem encaixado; as estruturas a girar de forma muito harmônicas, como se um espetacular puzzle lhe tivesse sido oferecido e ele então o montasse de modo muito paciente, dia a dia, se

confundindo com a paisagem com cuidado desenhada.

Suas vivências de solidão se misturavam a seus escritos, seu real compromisso e ofício de vida, como costumava pensar.

Entre o cheiro da terra e o aroma das palavras havia beleza, sintonia, cumplicidade que se espalhava por cada sítio, trilha, recanto da propriedade.

Magistral, severamente magistral.

Até a manhã daquele domingo.

E mal se dera conta de que era domingo; pois que seus dias de afortunada reclusão lhe permitiam, como em um modelo esdrúxulo da física, que no comum dos dias desconsiderasse o tempo.

A tríade

Naquele domingo com ar de qualquer dia, em que a paz de Noah se fazia fiel companheira, sem qualquer aviso ou convite que o justificasse, Bia chegara, com alvoroço, buzinando muitas vezes em frente à porteira do sítio, o que normalmente lhe causava uma profunda e indisfarçada irritada angústia.

Noah pressentiu algo além; mesmo certa sensação diferente, como se tocasse um sino estranho, o sinal de alerta, atijando suas defesas, soando quiçá desesperado.

Reconhecera o carro de Bia; e foi com certo aborrecimento que percebeu que ela não vinha só; trazia uma companhia. E era desconhecida.

De início ácida, a intuição negativa da repentina chegada se tornou menos árida ao perceber que a acompanhante se tratava de uma bela mulher.

Mas a animação não durou mais que a metade de um brevíssimo segundo, pois lembrou que Bia era lésbica, o que significava, por natural, que a companhia seria, com certa probabilidade, algum romance seu, o que se confirmou logo que foram apresentados.

E Bia vinha com um pedido inusitado: que ele abrigasse por um tempo a especial amiga que a acompanhava, já que a mesma dependia de um refúgio por conta de alguma questão que não lhe ficou muito claro de início, mas tinha a ver com a perseguição de algum ex-amante.

Noah tentou argumentar; que tudo no seu mundo estava organizado para uma única pessoa; que o espaço não era apropriado; que o outro quarto, além do seu, estava ocupado por ferramentas, carrinhos de mão, uma esteira elétrica há anos sem uso, entre tantos objetos abandonados; que ele tinha muitas esquisitices, como dormir muito tarde e acordar muito cedo, quando não em plena madrugada; que ele não tinha afinal seus horários organizados. Tudo tentou, alegando severamente a impossibilidade de se ter outra pessoa na casa, o que aos poucos esmorecia a vontade de Bia.

Foi quando Laura, até ali muda e distante, olhou bastante firme em seus olhos, como uma encantadora de homens, escravizando de modo repentino sua vontade, e disse serena, mui calma, num imperativo perturbador, que pretendia ficar.

Noah cedeu.

Noah

Com poucos afazeres para aquele dia, ele tirara a manhã para meditar.

Acordara mesmo em meio à madrugada e fizera, além da vigorosa caminhada, minuciosa inspeção de seu paraíso escondido em meio à mata.

Sentara em um pequeno banco circular, triste e ironicamente forjado de uma grande árvore que havia sido quase que totalmente desintegrada por um raio, e se permitira fluir em direção ao vazio sedutor, rumo ao libertador nirvana.

Porém, repentino, seus devaneios desapareceram e pensou em Davi, o amado, o filho que estava por nascer.

Foi um pensamento difuso; na verdade, um tanto vazio de referências; quase sem paixões e sem qualquer propósito.

Então, sentiu que não compreendia bem o porquê daquele epíteto; o amado. De onde viera, que não recordava? Em que momento haviam começado a chamá-lo assim, se tudo era tão confuso? Se por David, fruto de tão estranho encontro, o pouco do amor que sentia estava

soterrado por camadas imensas de desconfiança e dúvidas?

Perdia-se nesse vagar quando percebeu Laura, já muito próxima, ainda com a camisola sensual, semitransparente, que deixava à mostra a calcinha preta de renda que tanto o alucinava.

Ela estava descalça, o cabelo embaraçado, o bico do seio apontando para o horizonte, um tesão.

Ela se aproximava com calma, numa lentidão que parecia ensaiada: tudo para que houvesse tempo para que o coração de Noah, disparado, atingisse o máximo da pulsação, para que o corpo todo, invadido por aquelas ondas de emoção, fosse dominado pelo frenesi; para que os olhos deixassem de fingir e entregassem a intensa excitação.

Ela apenas sorriu.

E ela tinha o dom de silenciar e a um só tempo construir muitas narrativas apenas com o olhar e as contidas expressões do rosto. Era parte talvez da magia que o aprisionava.

No momento em que sorriu, foi como se ela lhe confessasse o amor que ele triste e obsessivamente esperava e que, no entanto, era desprovido de palavras.

Ou talvez nem confessasse; que o enigma se mantinha: havia um quê de dúvida permanente e isso o desesperava.

Como um cão silencioso que apenas observa antes da inesperada reação, Laura pouco falava; mas caminhava como uma ninfa e aparecia em qualquer lugar em que ele estivesse, com constância o surpreendendo em sua mínima intimidade.

Ela não era alta, mas o porte majestoso lhe conferia um ar de deusa talvez; como se a própria Afrodite dela irradiasse.

Olhos castanhos, pele clara e macia, lábios finos, mas em harmonia com a boca pequena, seios mínimos, no entanto salientes, a cintura desenhada, a barriguinha quase negativa, tudo nela beirava à perfeição.

Por um instante mesmo, ele se perdeu a olhar desavisadamente seu corpo, mas uma inesperada sensação no estômago e uma certa excitação o alertou do quanto se entregava nessas horas.

Ela sabia, era certo que ela sabia, mas tudo o que ela fazia lhe parecia tão profundo e ao mesmo tempo tão superficial quanto ouvir Silence, de Beethoven; as ondas de emoção ordenadas percorrendo o caos, deslizando

desesperadas o labirinto do sentimento.

O café está pronto! - Ela disse.

Laura

Nunca me culparei
Por amar tanto assim.

Por ser adotada talvez, Laura se acostumara a não ter grandes ambições: pouco falava, mal se manifestava; normalmente apenas observava.

Como um samurai no corpo de uma gueixa, ela parecia ter aprendido os sutis gestos de mulher, a leveza da dançarina excelente com a força oculta do mais agudo assassino.

Ela era submissamente rebelde.

E se movimentava quase que como uma partícula de neutrino; invisível, penetrando lugares, atravessando paredes, vivendo em seu universo particular; o labirinto de Laura.

Quando conheceu Bia, em uma noite de amigos em um bar próximo da orla, com apresentação ao vivo de um cantor que permaneceria desconhecido e do qual mal se recordava, não teve qualquer intenção.

Mas aceitou, como um aprendiz da vida, aquilo que

ela lhe ofereceu: a cerveja gelada, as palavras doces, o carinho sensível e o excitante beijo no pescoço, a cama em chamas, as carícias profundas, aquela experiência nova do sexo impenetrável, da língua quente que percorria, além de sua boca, as profundas e falsas palavras de amor e de convencimento.

Bia

Para uns poucos e íntimos amigos, Bia era a solidão personificada.

Mas tantas foram as noites famintas, repletas de lícitas e exageradas drogas, fantasiadas em femininas e proibidas e suculentas coxas; que lhe tragavam os olhos e a excitavam de tal modo que nunca saia sem seu protetor de calcinha.

Tantas as que a consumiram quase à loucura.

Tantas essas noites que deram a ela uma fama mal resolvida que, tal antiga triangular marca de prisioneira, a acompanhava onde quer que estivesse.

Ela entendia essa contradição; e sorria, não sem um amargor, pelo quanto isso a prendia em um círculo pouco virtuoso de sexos e sexos e muita, muita solidão.

Poucos amigos, porém, teriam coragem de desnudá-la, tocando suas feridas, apontando os erros, extrapolando a harmonia necessária para uma boa convivência.

Um deles, talvez o mais ácido, pessimista, rude até, era Noah, que apesar da importância em sua vida, tinha uma curiosidade: ela nunca lembrava de onde o conhecera

e de como chegaram a se tornar tão íntimos. Íntimos a ponto dele ter sido afrontoso, ousado, em certa ocasião, ao questioná-la sobre sua sexualidade.

Talvez por isso tenha se permitido a tentativa arriscada de lhe pedir que abrigasse Laura naquela circunstância tão confusa.

Noah

Quando meditava, em meio aos sussurros e aos silêncios da mata, suspensos um ou outro instante pelos pássaros matinais, Noah se permitia também refletir sobre os tempos em que estivera fora de sua “fortaleza da solidão”.

Suas recordações o levavam ao caos; aos amigos; aos encontros, normalmente nos fins de tarde ou ao correr da noite; às acaloradas, longas, decerto infrutíferas, conversas em mesas de algum bar.

Sim, havia algum prazer.

Sim, nas ocasiões era divertido.

Mas sua inquietude profunda permanecia, bem além até das eventuais ressacas.

E tudo o que ele vivera tinha a ver, de algum modo, com essa angústia visceral.

Agora, ele sabia, nada era tão libertador do que aprender a viver só.

Laura

Ela considerara, até então, que isso fosse algo muito comum, natural e corriqueiro; mas agora questionava o fato de não recordar de alguém ter, em qualquer momento, pedido que se definisse. Algo tão banal, principalmente entre quase bêbados, nas rodas de bar, nunca lhe acontecera.

Mas, afinal, Laura então se indagava; quem era ela?

Como uma personagem perdida entre papéis ou dígitos de um antigo escrito, ela percebeu o quanto não conseguia se definir.

Decidiu, por fim, deixar, ainda que incomodada, que isso ficasse com o estranho autor de sua existência.

Mas quem era esse autor? Deus? Que Deus? Tantas referências e tão pouco a se crer? Deus não era uma verdade pacífica para ela.

Ela, que agora se dava conta de sua existência, olhava o infinito espelho interior.

E houve um dia, em êxtase, em que se deu conta enfim de sua beleza e do quanto era atraente. Contudo, certamente muito já se perdera nas doces e dolorosas

ilusões de amor.

Daí que a confiança necessária para se sentir amada era agora uma sensação vaga de um alegre brinquedo que esquecera em algum canto do quarto que enfim já não existia.

Ela fizera algumas apostas; e no fim, mesmo que o fim ainda provisório, após poucas vitórias e quem sabe excessivas derrotas, marcadas por todo seu corpo e por toda sua memória; após comemorados bons, e delicados maus momentos, consumida entre pântanos, ela era simplesmente uma sobrevivente.

Noah

O encanto que Laura causava o mais das vezes lhe inquietava a razão.

Mesmo que racionalizasse de modo mui concentrado.

Mesmo que buscasse nos confins de sua alma a serenidade que permitisse o indispensável distanciamento.

Era como se flutuasse em algum mar leitoso imerso em nuvens tão cerradas que lhe era impossível ver além do que ela consentia.

Como em um feitiço de dominação, ainda que duvidasse da magia, ele apenas seguia os passos desenhados pelo mover invisível de neutrino que nela parecia natural.

Nesses raros momentos de lucidez, uma vez a inquiriu: você sente que o que vivemos são escolhas nossas? Ou pensa talvez que estejamos seguindo o roteiro impresso em algum “livro da vida”, onde cada passo que damos nos é determinado?

Por alguns segundos, ela o olhou com complacência; depois, com um ar grave que se misturava ao vórtice da indiferença.

Por fim, ela apenas sorriu.

(+186 páginas)



Resumo

Laura é a história de uma mulher com desvios comportamentais esquizofrênicos e suas múltiplas personalidades, que se envolve em um triângulo amoroso com Bia, sua namorada, e um amigo desta, Noah, com quem tem um filho. As nuances desses relacionamentos e o convívio dos pares com suas personalidades vai criar um ambiente tenso, no qual o enredo se desenvolve.

Total de páginas

- 207

Total de caracteres

- Sem espaços: 107.739
- Com espaços: 128.071

Parágrafos

- 1.252

Linhas

- 3.501

Autor

- Sidnei Santana Pereira, brasileiro, casado com a Denise, pai do Renan, da Ariadne e da Janaína Helena.

Nasci em São João de Meriti, no Rio de Janeiro, uma cidade marcante que, por várias razões, não me orgulha. Da mesma forma, não me orgulho da minha infância pobre, que nunca usei como justificativa para meus atos.

Sou formado em Letras e fiz pós-graduação em Literaturas de Expressão Portuguesa - Portugal e África. Concluí meu Mestrado em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, RJ.

Depois de defender minha dissertação de mestrado, em 2002, mudei-me para Araguaína, no Tocantins, onde fui professor assistente na Universidade Estadual do Tocantins, a Unitins.

Posteriormente, trabalhei em várias faculdades do Tocantins, atuando como Coordenador de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão em uma, Coordenador do Curso de Letras em outra, além de outros cargos na educação do Estado.

Em 2008, me transferi para o Pará, onde trabalhei na Educação Básica, em escolas públicas. Essa experiência me inspirou a escrever o “Ensaio sobre o fim da escola”, que foi publicado em 2018 após um longo período de gestação.

Desde então, escrevi, revisei e publiquei, de modo independente, em sequência, “Cartas da Navegação”, “Mil Calares e Uma Boca Suja”, “Laura e” e “Fábulas Portuguesas”. Atualmente, em 2024, estou trabalhando no romance “Sophia” e num livro de reflexões chamado “Maldito Pastor”.

No íntimo, me considero um filósofo, movido pela curiosidade inata e pelo amor ao conhecimento. A filosofia é a essência do meu ser.

Contrariamente ao que muitos podem perceber, sou mais circunspecto, reservado e introvertido do que minha voz potente e meu riso estrondoso podem sugerir. Aprecio as horas solitárias de leitura e reflexão, que traduzem minha compreensão do mundo.

Já temi a vida e, em outro momento, a morte. Hoje, aceito com serenidade a natureza dos dias.

Site do Autor

- www.sitiodapalavra.com.br

Contato

- (91) 984777002
- (91) 984613281

E-mails

- sidnei.santana@gmail.com
- sidnei.santana962@gmail.com
- 13062013@gmail.com